"NÃO SE PREOCUPEM COM A VIDA..."

Clemildo Anacleto da Silva

Introdução

Quando comecei a escrever, fiquei preocupado em encontrar no texto bíblico alguma história em que Jesus aparecesse curando alguém, acolhendo algum necessitado, sendo amoroso para com as crianças, dando atenção às mulheres, chorando, falando palavras carinhosas ou algo semelhante. Para minha surpresa, descobri que a palavra "afetividade" tem um sentido muito mais amplo. Uma das palavras usadas para afetividade é "filantropia", que pode ser entendida como tratar com humanidade (At 27,3; 28,2; Tt 3,4) e pode se referir também à bondade de Deus em relação aos seres humanos.

Tratar as pessoas com humanidade tem sido um valor cada vez mais esquecido, principalmente quando esperamos isso daqueles que teoricamente foram constituídos para esse fim. Mais do que nunca a população se sente abandonada; como ovelhas sem pastor. Os governantes têm o cidadão como inimigo. Não há nenhuma preocupação em colocar o ser humano como o centro das atenções, não há nenhuma preocupação em providenciar meios para que este ser humano possa viver de forma justa. Assim sendo, o povo não consegue ver a cidade, o estado, o país, os governantes como promotores da vida. Tudo é conseguido com muito sacrifício, muito esforço; não há preocupação com a preservação e a garantia de que os meios básicos de existência estarão garantidos aos seres humanos. A cidade torna-se inimiga para aqueles que insistem em viver nela.

Essa noção de afetividade nos leva a sair do nosso mundo e ampliar nosso horizonte na solidariedade com outros povos. O fato de nascermos numa determinada terra, região ou país nos leva a um nacionalismo exagerado e esquecemos que as cercas e as linhas divisórias foram impostas pela própria humanidade. A terra é um bem comum a todos. No entanto, isso foi se modificando de tal forma que o outro passou a ser visto como inimigo, simplesmente por habitar um pedaço de chão diferente, uma cultura diferente, uma língua diferente e um sistema de vida diferente. Na medida em que passamos a ver a cultura do outro como inferior, que nada tem a nos ensinar e que, portanto, pode ser destruída, então o ser humano passa a ser visto como inimigo, suas terras podem ser incorporadas e seu povo tratado como serviçais (escravos). Na história bíblica temos o exemplo do próprio povo de Israel (escravos no Egito – Ex 3,7-10). Na história do Brasil, os índios que aqui já habitavam e os negros que vieram do continente africano, ou melhor, a própria história da África e seus conquistadores. Isso tudo causa uma grande ansiedade. Não estar ansioso pela vida é saber que Deus garante a existência e tudo aquilo de que necessitamos para continuar existindo. Por isso, ele trata a natureza com bondade e os seres humanos com humanidade.

A nível mais pessoal, diríamos que há pessoas que fazem questão de manter a distância de relacionamento, outros o fazem por simples ignorância. Basta olhar ao nosso redor para percebermos que no dia-a-dia as relações são outras. O pai e marido se torna opressor dos filhos e da mulher; no trabalho o patrão é perseguidor; na escola o professor é a autoridade e gosta de ser visto como tal. De acordo com essa visão, manter a distância em relação aos "inferiores" preserva a autoridade. Portanto, o que se destaca são relações de poder, autoridade e faltam exatamente o respeito e a afetividade.

Procuraremos descobrir no nosso texto aspectos que mostrem que Deus está preocupado com a existência humana e com a forma como ela tem sido administrada. Veremos que o modelo para ser tratado com humanidade se encontra na própria natureza. Outros povos que nem conheciam esse ensino de Jesus já chamavam atenção para essa necessidade.

O ser humano é cidadão do mundo

Os limites, as cercas, os muros são barreiras visíveis que acusam as diferenças, que rompem os relacionamentos, que delimitam um território, que separam pessoas. Há muito tempo a história conviveu com o muro da vergonha que dividia as duas Alemanhas. Romper limites, transpor barreiras é dizer que o outro não é meu inimigo. Que é possível uma convivência, que a nacionalidade, a terra, a cultura, a cor, a condição econômica, não podem ser barreiras para o relacionamento.

No século IV aC, um grupo de filósofos chamados cínicos[1] já se consideravam cidadãos do mundo e divulgavam essa idéia. Eles queriam dizer que não eram gregos, nem romanos, nem de qualquer outra nacionalidade. A nacionalidade não é o fundamental. O lugar onde a pessoa nasceu e a sua posição social não significavam nada. Isso significava que como cidadãos do mundo podiam transitar e escolher qualquer lugar para morar, sobreviver, desenvolver sua religião, sua vida política. Fundamentavam seu modo de vida espelhando-se na natureza. Entendiam também que não há lugar nem ninguém mais culto ou menos culto do que o outro. Podia-se aprender com todos. Acreditavam que a verdade devia ser buscada onde estivesse, entre os gregos ou entre os "bárbaros" (quem não era grego). Viviam de maneira simples, defendiam o campo como lugar ideal, andavam descalços, com um bastão, uma sacola; e de vila em vila, de cidade em cidade, ensinavam e exortavam a todos a viverem de acordo com a natureza; criticavam a riqueza, a opulência, as guerras, a cidade e os governantes opressores.

O que me admira é que esse pensamento já existia desde o século IV aC e, passados muitos séculos, a humanidade ainda continua agindo de forma egoísta, opressora,

1. O cinismo surge com Antístenes, discípulo de Sócrates, no IV século aC. No entanto, é Diógenes que se tornará mais conhecido pelo fato de assumir verdadeiramente uma vida cínica. A propósito, o nome cínico provavelmente deriva do termo grego *"kyon"* (cão). O seu jeito de agir e de se comportar deve ter contribuído e reforçado a idéia do filósofo "cão". O início do cinismo (IV séc. até o fim do II séc. aC.) está documentado por Diógenes Laércio no sexto livro de sua obra: *Vida dos Filósofos Ilustres*. Há uma tradução feita pela Universidade de Brasília. LAÊRTIOS, Diôgenes. *Vida e doutrina dos Filósofos Ilustres*, Brasília, UNB, 1988.

dominadora. Esses sábios, já nesse período, convidavam a todos a que se assemelhassem à natureza. O nosso texto também nos convida a imitarmos a natureza.

Olhai os lírios do campo (Lucas 12,22-31)

[22] "Disse, pois, para aos seus discípulos: Por isso vos digo: Não se preocupem com a vida, com o que vão comer; nem com o corpo, com o que irão vestir. [23] Pois a vida é mais do que o alimento e o corpo é mais do que o vestido. [24] Olhem os corvos que não semeiam nem colhem, que não têm armazém nem celeiro, e Deus os sustenta; quanto mais vocês que são superiores aos pássaros.

[25] Pois quem de vocês, estando ansioso, pode aumentar um côvado na duração de seu tempo de vida? [26] Portanto, se nem o mínimo vocês podem, por que estão ansiosos a respeito do restante?

[27] Olhem os lírios como crescem; não trabalham nem fiam; porém, vos digo, nem Salomão em toda a sua glória vestia-se como um destes. [28] Pois se Deus veste a erva do campo que está (existe) hoje e amanhã é jogada na fornalha, quanto mais vocês de pouca fé!

[29] Também não busquem o que comer e o que beber e não estejam ansiosos. [30] Pois todas estas coisas as nações do mundo buscam, mas vosso pai sabe que vocês necessitam destas coisas. [31] Todavia, busquem o Reino dele e estas coisas vos serão acrescentadas".

A afetividade no nosso texto consiste em que Deus garante a todos um tratamento igual ao que tem dispensado à natureza, embora a humanidade seja superior a ela. Assim como ele garante vida à natureza, também foi seu propósito desde o início garantir à humanidade uma vida sem preocupação. Essa vida sem preocupação seria resultado de saber que tudo estaria à disposição da sua criação. Se tudo estava à disposição não haveria por que estar ansioso quanto ao amanhã.

O nosso texto traz lições de sabedoria. É sabedoria do dia-a-dia. De quem observa a natureza e entende que podemos nos comportar como ela e dela tirar lições. Quando leio esse texto fico preocupado; porque por mais que se peça a alguém para não ficar ansioso quanto ao seu futuro, e mais especificamente com suas condições de sobrevivência, mesmo assim ele continuará ansioso. Daí podemos cair na tentação de pensar que o texto está nos incentivando a cruzarmos os braços e deixarmos as coisas acontecerem, ou agirmos com uma fé tal que nos leva a crer que Deus suprirá todas as nossas necessidades. Geralmente é isso que os comentaristas dizem: devemos nos abandonar, com fé, nas mãos divinas e Deus suprirá todas as nossas necessidades. Mas não é bem isso que o texto fala. No último versículo está a chave da questão. É a busca do reino e da justiça que garantirá o suprimento das necessidades.

Esse texto nos convida a imitarmos a natureza. Assim como a natureza cresce, vive, desenvolve-se em qualquer lugar e harmonicamente convive, sem dificuldades com sua sobrevivência, assim deve ser também com a humanidade. Portanto, a busca

do reino, da justiça e a inspiração na natureza são a garantia para não estarmos ansiosos. Antes, vamos analisar um pouco mais de perto o nosso texto.

Como o texto foi construído

Às vezes, a tradução que temos em português nem sempre nos ajuda a entender o texto de forma satisfatória; por isso, é necessário recorrermos ao texto grego. Portanto, é a partir das informações do texto grego que procuraremos revelar como a história foi construída.

Muitos comentaristas defendem que os v. 22b-23 circularam como história independente, ou seja, a narrativa foi construída a partir deste dois versículos. O v. 22 inicia-se com uma conjunção adversativa *"dé"* (mas, porém) e o v. 23 liga-se ao v. 22 através de uma conjunção conclusiva *"gar"* (porque, pois, a saber), formando, portanto, uma unidade. Observamos também que os v. 25 e 26 têm a mesma seqüência, isto é, o v. 25 inicia-se com "*dé*" e liga-se ao 26 por "*oun*" (pois, por conseguinte). É importante salientar também que estes versículos, embora tenham a mesma construção dos versículos anteriores, em nada influenciam na compreensão do texto, podendo, inclusive, ser suprimidos. Desta forma, é possível que este dito tenha sobrevivido isoladamente. No entanto, numa outra estrutura que mostraremos adiante, veremos que estes versículos compõem, juntamente com outros, o centro da argumentação.

Como afirmamos, os versículos 25 e 26 quebram a seqüência normal de comparação com a natureza que se inicia no v. 24 (com o verbo olhar no imperativo), continuando nos v. 27 (com o mesmo verbo no imperativo) e 28. O último bloco (29-31) se caracteriza pelo verbo "procurar" que aparece nos três versículos. O autor tenta mostrar que o Reino de Deus é a solução para toda a ansiedade da vida.

Assim como um edifício – que, para ser construído, necessita da sua estrutura e, uma vez acabada a construção, nem sempre conseguimos mais visualizar esta estrutura –, assim é o texto bíblico. Se pudéssemos visualizar o esqueleto do texto diríamos que apresenta uma estrutura baseada nas argumentações retóricas e que podemos visualizar a partir do seguinte esquema:

v. 22 – Exortação negativa (Não se preocupem nem... nem...)

v. 23 – Cláusula de motivo (A vida é mais do que alimento, corpo e vestido)

v. 24-28 – Argumentação (olhem os corvos, o tempo da vida, os lírios e as ervas do campo)

v. 29 – Exortação negativa (Não busquem o que comer, não estejam ansiosos)

v. 30 – Cláusula de motivo (As nações do mundo buscam...)

v. 31 – Exortação positiva (Busquem o reino de Deus...)

A argumentação está no centro da estrutura e se utiliza da comparação com a natureza para tentar convencer os ouvintes. Esse texto tem essa estrutura porque utiliza

uma forma diferente de pensar e de se expressar. É um gênero sapiencial mas isso não quer dizer que não estivesse ao alcance do povo. Como já dissemos, esse texto é a maneira mais simples de expressar a percepção do cotidiano. São imagens conhecidas. Não eram necessárias tantas peripécias, nem grandes esforços retóricos para saber o que se queria dizer.

A sabedoria nos ditos de Jesus

Muitas vezes pensamos que os livros sapienciais estão presentes somente no Antigo Testamento; no entanto, também é possível observar este tipo de literatura nos evangelhos. Na história da formação dos evangelhos há uma fonte que serviu de base na elaboração dos evangelhos de Mateus e Lucas. Essa fonte é conhecida como fonte dos ditos de Jesus. Tem esse nome porque acreditava-se que nela só existiam ditos, máximas, ou seja, frases curtas nas quais se concentravam uma lição de vida. Essa fonte não existe, isto é, não há nenhum documento histórico, antigo, que comprove sua existência. Para chegarmos a ela é necessário fazermos um exercício. Se compararmos os evangelhos (principalmente Mateus, Marcos e Lucas), veremos que existem muitas semelhanças e diferenças. Histórias que fazem parte de um evangelho, mas não estão presentes no outro. Portanto, chama-se fonte dos ditos aqueles textos que estão presentes ou são comuns tanto a Lucas quanto a Mateus mas estão ausentes em Marcos. De acordo com essa teoria, existiu uma coleção de ditos e o nosso texto faz parte dessa coleção de ditos. A importância da fonte para nosso texto se dá pelo fato de sabermos que estamos lidando com instruções, ou seja, com indicações sábias de quem observa o mundo, as experiências e a vida e daí tira suas lições. São indicações que apontam para um modo de vida. Ainda não há tanta preocupação com a teologia.

Uma visão mais ampla do texto

Nosso texto está dentro do contexto da subida de Jesus para Jerusalém (que vai do cap. 9 ao 19). Os dois textos anteriores ao nosso já introduzem o tema do valor da vida e do dinheiro. Em 12,7 Jesus diz: "Não tenham medo: pois vocês valem mais do que muitos pardais." Nos v. 13-21 Jesus fala de um homem que acumulou muita riqueza e nos v. 33-34 manda vender os bens. Mateus coloca esse texto dentro do contexto do sermão do monte e também logo depois da oração do Pai-nosso (Mt 6,25-34). Os v. 19-21 advertem para não ajuntar tesouros na terra e o v. 24 para não servir a dois senhores (Deus e o dinheiro). Portanto, percebemos que o assunto está totalmente voltado para o dia-a-dia e a preocupação com quem está ansioso em acumular riquezas. O acúmulo de riqueza quase sempre acontece em detrimento de outros.

O texto de Lucas 12,22-31 encontra paralelo em Mateus 6,25-34. São poucas as diferenças entre Mateus e Lucas. Vamos analisar algumas dessas diferenças. O v. 26 de Lucas é totalmente omitido em Mateus. Após isso, temos palavras acrescentadas ou omitidas. Lucas fala em corvos e Mateus em aves. Lucas fala de nações do mundo e Mateus simplesmente as nações. Mateus usa a expressão Pai celeste e Lucas apenas Pai. Mateus usa a expressão Reino de Deus e Justiça e Lucas apenas Reino.

Talvez Lucas use a figura do corvo para dar ênfase aos cuidados divinos, isto é, Deus se preocupa com um pássaro tão insignificante e, inclusive, impuro para os judeus (Lv 11,15; Dt 14,14); enquanto Mateus é mais abrangente e evita citar os corvos.

Com relação a "*'éthnos*" (nação, povo), essa palavra geralmente é usada pela *Septuaginta* (tradução da Bíblia do hebraico para o grego) para traduzir a palavra hebraica "*goyim*" (povos, nações) e muitas vezes com o sentido de fazer uma separação entre o povo judeu e os não-judeus. O fato de Lucas usar "nações do mundo" amplia o significado de cunho religioso para o geográfico, ou seja, "*'éthnos*" não é apenas os que não têm Javé como Deus mas todos os reinos do mundo em oposição ao Reino de Deus. Na história da tentação, o diabo oferece a Jesus todos os "reinos do mundo". Diante dos vários significados que a palavra "mundo" adquire dentro do Novo Testamento, entendemos que aqui ela toma mais um sentido de um poder estabelecido. Portanto, acredita-se que Mateus tinha em mente o conceito e a oposição judeus-gentios, enquanto Lucas expandiu o conceito para o Império Romano como um todo.

A expressão Reino de Deus também não é muito usada por Mateus, aparecendo apenas três vezes: 12,28; 21,31.43. Há dúvidas quanto à inclusão desta expressão em Mt 6,33. Dos sinóticos, somente Mateus usa o conceito Reino dos Céus. Esta variação é explicada pelo costume judaico de se evitar usar o santo nome de Deus. O significado, no entanto, é o mesmo.

Outro conceito fundamental para Mateus é a justiça. Dos quatro evangelhos Mateus é o que mais traz esta palavra. Talvez para Lucas a idéia do Reino já estava ligada à justiça. É inconcebível a idéia do Reino sem justiça. Mateus traz a palavra justiça no contexto de uma discussão com escribas e fariseus. Uma vez que eles não serviam como exemplo de justiça, os discípulos de Jesus são convocados a ultrapassar essa justiça (Mt 5,20).

Mateus também coloca 6,25-34 logo após a oração do Pai-nosso. Lá se pede que se perdoem as dívidas e que seja dado o pão de cada dia. Em Mt 20 o Reino de Deus é comparado a um homem que contrata pessoas para trabalhar e se compromete a pagar o que é justo (v. 4). Em Mt 18,23, o Reino de Deus é comparado a um rei que resolveu perdoar os seus servos. Portanto, a justiça de Deus consiste em perdoar. O Reino é um modo de relacionamento fundamentado na justiça.

Para Mateus, o Reino de Deus tem uma aspecto escatológico. É provável que o uso de "Pai Celeste" esteja ligado ao conceito de um Reino que vem do céu. Lucas se preocupa em mostrar simplesmente o "Pai" com o sentido de sustentador, criador e provedor.

Laços de afetividade do campo: "Olhai os lírios, os corvos e os pássaros"

Dissemos, anteriormente, que a instrução de Jesus aos seus discípulos para que não estivessem preocupados ou ansiosos diante da vida, não refletia somente a confiança na providência divina, ou seja, não é "um jogar-se cegamente" a um futuro incerto. Pelo contrário, era uma garantia de que o seu modo de vida, a natureza, a terra, o campo são condições suficientes para continuar assegurando as necessidades da existência. Resumindo, diríamos: o campo era o local que ainda preservava os valores da afetividade, solidariedade e da convivência entre as famílias, embora percebamos que esses e outros valores já não eram mais uma realidade.

Pelos termos usados, essa comunidade deveria estar localizada no campo, mais provavelmente na Galiléia. Palavras como lírios, corvos, pássaros, côvado, semear, colher, celeiro nos transportam para essa realidade. Os evangelhos revelam muitas imagens rurais e descrevem as relações humanas com imagens da natureza. Exemplo disso são os termos: ovelhas e lobos, serpente e pomba (Lc 10,16), sol e chuva (Lc 5,45). Portanto, a fim de entendermos melhor como essas relações se davam, é necessário conhecermos um pouco da Galiléia.

A região conhecida como Galiléia era considerada uma zona rural, constituída por uma sociedade de aldeias e pequenos povoados. Área fértil e ambiente no qual os laços íntimos de parentesco eram valorizados, bem como a partilha dos bens (Lc 11,5-11). Era um povo que sentia as dores e as alegrias uns dos outros (Lc 7,11-14; 5,6-9). A pesca era feita também em família, baseada na cooperação (Lc 5,1-11). O mar da Galiléia era fonte de sustentação para muita gente. Os mais velhos eram ouvidos (Lc 7,1-10). As aldeias produziam frutas, grãos, óleo e gado (Lc 13,6-9; 12,16-21; 15,23-29; 16,1-9). No entanto, esse trabalho não era partilhado com igualdade. Assim como havia pequenas aldeias, havia também grandes proprietários que possuíam empregados (Lc 15,17; 12,42; 16,2). Havia também diaristas e escravos (Lc 10,2; 12,35-38; 14,17-22), além de indigentes e mendigos. Essas últimas quatro categorias já demonstram que a natureza já não era mais a base de sustentação e integração dos povos.

Essa integração estava sendo desmoronada por causa do avanço das cidades, do crescimento do império e conseqüentemente da necessidade de acumulação de bens e alimentos para financiar a estrutura de administração. Em nível local, a produção de subsistência já não era suficiente para satisfazer a família e as aldeias; assim sendo, esse relacionamento familiar e próprio do campo começou a ser quebrado. Agora, a produção, ou uma grande parte da colheita, deveria ser destinada ao pagamento de taxas e tributos. Essa descaracterização dá lugar a um sentimento nostálgico ou lembrança do período em que as aldeias eram auto-suficientes.

A propósito, essa nostalgia dos tempos de outrora é bem própria também do nosso século. Basta olharmos para as nossas cidades. A cidade vai avançando e transformando o cenário. O que antes era um rio transforma-se em esgoto; o que era área de lazer transforma-se num prédio qualquer; o que era um lago ou lagoa pública torna-se espaço privado; onde antes era de graça, agora é pago. As famílias tradicionais e fundadoras da cidade desapareceram, já não se sabe mais quem são. O campo, os sítios e roçados ficaram cada vez mais distantes da cidade. Onde viviam vinte mil pessoas, agora são duzentas mil. Tem-se saudades dos tempos em que se podia dormir com portas abertas, andar tranqüilo a qualquer hora da noite. São lembrados com saudades os tempos em que o leiteiro deixava, de madrugada, o leite sobre o muro. As matas, os pássaros e os sagüins já não mais existem.

Esse processo de crescimento destruiu os laços de amizade; a afetividade e o sentimento de pertencer a uma grande família foram destruídos. Todos os que vivenciaram esses momentos falam do passado com extrema tristeza e têm em suas mentes o passado como um momento áureo, inesquecível, sadio. As transformações mudaram e continuam mudando os valores e hábitos da antiga população. Esse "progresso" cria duas gerações: aqueles que conviveram com o passado, e os filhos que adoram o momento presente.

Essa percepção e esses sentimentos não deviam ser estranhos aos camponeses da Galiléia e ao próprio Jesus. Eles puderam constatar a destruição das relações da vida nas aldeias e a exploração através do tributo. Para as aldeias, isso se constituiu numa novidade. De fato, embora a prática da cobrança de tributos não fosse algo novo, ela se intensificava cada vez mais. Diante disso tudo Jesus propõe uma nova visão da natureza e um novo modo de vida.

Há afetividade no Reino de Deus

Esse texto nos revela que, se buscarmos o Reino, as necessidades básicas serão saciadas. Daí ficamos pensando: o Reino é um lugar, é uma situação, é um momento histórico, o que será? O nosso texto pede para que, diante das ansiedades da vida e das incertezas, tomemos como modelo a natureza. O que tem a ver a natureza com o Reino de Deus?

Jesus fala isso para uma comunidade que está ansiosa diante das dificuldades da vida. Estar ansioso é a expressão que ligará todos estes versículos. Esta palavra demonstra que a apreensão é causada pela possibilidade de um perigo, um infortúnio ou uma angústia que estão para vir. Nós sabemos muitos bem o que significa viver na incerteza, com medo do amanhã, de um futuro que não sabemos como será.

Jesus adverte a comunidade a não estar ansiosa para ter uma vida igual à do rico que só pensa em acumular e ter lucro (Lc 12,13-21). Por outro lado, ninguém deseja viver eternamente na pobreza ou na miséria. Comer e vestir representam necessidades básicas da vida; não se está exigindo nada demais. Logo se percebe que esta comunidade deve ser extremamente pobre ao ponto de não estar mais conseguindo nem o que comer e vestir. Mesmo assim, Jesus pede para que eles esperem, tenham paciência, imitem a natureza e busquem o Reino.

Jesus compara a vida humana à natureza. Para os pássaros e plantas, a natureza não pertence a ninguém; tudo é de todos. Os pássaros são livres para um dia comer em um local e em outro dia comer onde desejarem, porque sabem que a natureza não mudará. A compreensão deste texto é fortalecida pela história anterior. Jesus conta a parábola de um proprietário de terra que, obtendo uma grande safra, acumulou esperando viver tranqüilo no futuro. Para Jesus, a idéia de acumular é absurda e sem sentido. Se a natureza pode viver sem se preocupar em acumular a humanidade também pode. Tanto os pássaros quanto os homens integram a natureza que recebe o cuidado de Deus. Assim, se Deus cuida da natureza, também nada irá faltar para a humanidade.

Viver conforme a natureza significa uma volta ao paraíso, onde a natureza estava à disposição da humanidade. A idéia de acumular riqueza é tão absurda que é comparada à loucura. Isso fica mais claro ainda quando Jesus diz que os lírios nem trabalham nem tecem. A palavra trabalhar usada aqui refere-se ao esforço anormal, ao trabalho pesado, duro, ao fatigar-se e ficar exausto. A expressão não pretende propor que a comunidade não deva trabalhar, mas trabalhar o suficiente para garantir sua sobrevivência, como acontecia nas pequenas aldeias. Trabalho que não precisa acumular. Aliás, os termos que aparecem nesses versículos e nos anteriores refletem exatamente uma realidade do campo. Fala-se em corvo, semear, ceifar, celeiros, trabalhar, tecer e erva do campo.

A comunidade está ansiosa para sobreviver diante da fome e das preocupações da vida; sua ansiedade é causada pela ansiedade dos que acumulam. A dificuldade para se produzir alimento leva as pessoas a ficar ansiosas por acumular; mas a dificuldade em produzir alimento se dá porque se mudou o objetivo original da terra (agora, o que vale é o comércio). Daí o rico ser um exemplo a não ser seguido. Ou seja, se ninguém se preocupar em acumular, e sim em dividir, não faltarão nem alimento e nem as outras coisas necessárias à vida. O rico (do texto anterior) acumulou e morreu, ou seja, acumular não garante tempo de vida a mais para ninguém. As aldeias estavam acostumadas com um sistema de partilha e não de acumulação.

Nos versículos 29-31 novamente a comunidade é advertida para não se preocupar com comida e bebida. Desta feita, é apresentado o nome daqueles que estão ansiosos por comida e bebida. O texto apresenta Salomão e as nações do mundo como exemplos de riqueza e de pessoas que estão preocupadas com esses bens. Aqui Salomão está em oposição àqueles que vivem de acordo com a natureza. Jesus conhecia bem a história de Salomão e toda sua riqueza. O reino de Salomão com toda sua pompa não servia de exemplo a ser seguido pela comunidade. O reino de Salomão foi fundamentado na violência, na opressão, no desrespeito às tradições, no individualismo, no comércio. Toda sua riqueza foi fruto dessa forma de governar. E em Lc 7,24-25 também é dito que os que se vestem e vivem bem estão nos palácios. Não estar ansioso significa não se preocupar com os bens e entender o mundo como uma grande família na qual alguém poderia encontrar apoio onde estivesse e em que situação se encontrasse, pois o mundo pertence a todos. Não é assim que os pássaros vivem? O desejo de se ter bens e riqueza é a preocupação de assegurar um futuro melhor e isso gera ansiedade. No entanto, esse futuro estará garantido se assegurarmos as novas relações; ou melhor, se voltarmos às relações e valores primitivos de igualdade, solidariedade, partilha e fraternidade. Os administradores são os causadores dessas ansiedades e incertezas.

Talvez Lucas, quando menciona "as nações do mundo", estivesse se referindo a diferentes povos ou ao Império Romano como um todo ou, quem sabe, aos próprios fenícios que eram conhecidos como os grandes comerciantes da época. Na tentação de Jesus, o diabo oferece a Jesus os reinos do mundo (Lc 4,6). Esses reinos, que estão sob a "administração satânica," se fundamentam na violência, opressão, exploração, acumulação e na reverência aos governadores romanos, porque se acreditava que eles eram deuses ou semideuses. Também em Mt 20,25 Jesus diz o seguinte: "Bem sabeis que os príncipes dos gentios (ou nações) os dominam, e que os grandes exercem autoridade sobre eles."

A economia baseada no comércio, na riqueza e no poder segue uma nova lógica. Já não se utiliza a terra para o auto-sustento da família e sim para o comércio da produção de excedentes. Para a comunidade, viver conforme a natureza é viver em um mundo "sem dono". Tudo está à disposição do ser humano e, conseqüentemente, comida e bebida estão asseguradas. No entanto, as antigas relações, baseadas na vida comunitária, na relação patriarcal, na família, estavam sendo apagadas. Pois o comércio havia transformado homens e terras em mercadorias A propriedade, para o povo judeu, era algo inseparável do homem, significava sua própria existência enquanto ser que participava de uma vida comunitária.

No v. 31 o Reino está intimamente ligado a comer, beber e vestir-se. Achar o Reino significava ter essas necessidades básicas atendidas. Procurar o Reino é procurar um modo de vida, é uma questão existencial. Este verbo não significa simplesmente procurar mas também desejar, querer. Portanto, enquanto alguns desejam comer, vestir e beber, a comunidade é exortada a desejar o Reino. É importante destacar que este texto aparece depois da oração do Pai-nosso. Nessa oração, pede-se que o Reino venha, que as dívidas sejam perdoadas e também que o pão seja dado a cada dia. E antes disso tudo já se havia dito também que o Reino era dos pobres (Lc 6,20). O Reino de Deus é um conjunto de valores que se exige tanto do pobre quanto do rico. O Reino de Deus dará segurança para sobreviver. Oferece garantia de sobrevivência; a certeza de que todas as necessidades serão satisfeitas é a recompensa para os que buscam o Reino. O Reino de Deus está estabelecido num novo relacionamento com Deus e com o próximo. A idéia do Reino está também fundamentada numa sociedade ou comunidade de comunhão, repartição, divisão de bens, de riquezas. A idéia do Reino está preocupada em como melhor administrar a vida, de maneira que ela não se torne pesada nem angustiante a ninguém.

Conclusão

Tratar com humanidade é ser essencialmente animal. É entender o mundo como sendo sem barreiras. Ele pertence a todos. Por isso mesmo, a nossa existência deve ser garantida tanto no Brasil, quanto na África, na Índia ou em qualquer parte do mundo, porque somos cidadãos do mundo. Assim como o pássaro que hoje está aqui e amanhã migra para outra região e tem certeza que encontrará as mesmas coisas que lhe dão sustentação, assim deve ser a convivência humana. Os animais não fazem distinção entre o território que lhes pertence – e que, portanto, deve ser demarcado – e o que não lhes pertence. Tudo e qualquer lugar que seja faz parte de um todo que pertence a todo mundo. É assim que Jesus desejou que imaginássemos o mundo. Se assim fosse, certamente não estaríamos ansiosos quanto à vida.

Clemildo Anacleto da Silva
Rua Rússia, 621, apto. 01, Taboão
São Bernardo do Campo, SP
09668-000